

‘Imagensafetos’ que se revelam nos cotidianos da cibercultura

‘imagensafetos’ que se revelan en los cotidianos de la cibercultura

‘Imagensafetos’ That Emerge in the Everyday Life of Cyberculture

AIRES DE FARIAS, Letícia¹, dos SANTOS, Rosemary² y CONCEIÇÃO GONÇALVES, Leonardo³

Aires de Farias, L., dos Santos, R. y Conceição Gonçalves, L. (2026). ‘Imagensafetos’ que se revelam nos cotidianos da cibercultura. *RELAPAE*, (24), pp. 120-132.

Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa de doutorado ainda em desenvolvimento e busca as artes de fazer dos praticantes culturais (Certeau, 1998) com suas criações de imagens que circulam os cotidianos ciberculturais. As imagens mobilizam potências de agir, movem e afetam os modos de ‘versentirviver’ o mundo, configurando o que denominamos ‘imagensafetos’. O artigo é apresentado em seções com a metodologia de pesquisa baseada nos Estudos com os Cotidianos (Certeau, 1998; Andrade, Caldas e Alves, 2019) e seguindo os preceitos do método cartográfico (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009). Com esse movimento, forjamos a emersão de tramas em que ciência, política e afetos (Spinoza, 2007) se entrelaçam com imagens que não apenas registram, mas inventam mundos. Nesse sentido, a prática de pesquisa com a cartografia volta-se aos processos em devir. Para isso, cartografamos os perfis @Nunca vi 1 cientista e @Ninja Foto, da rede social Instagram, para percebermos as relações dialógicas existentes. Cartografar esses fluxos discursivos visuais permitiu perceber como os dois perfis tensionam temas contemporâneos e, ao mesmo tempo, inventam modos de estar-junto em um mundo comum, plural e heterogêneo. É nesse excesso que as ‘imagensafetos’ operam, mas não como mensagens codificadas, e sim como vibrações que nos convocam a imaginar outros mundos possíveis.

Palavras-chave: Artes de fazer, Cotidianos, Cibercultura, Cartografia, Afetos, Imagens

Resumen

El presente artículo forma parte de una investigación doctoral aún en desarrollo y busca comprender los modos de hacer de los practicantes culturales (Certeau, 1998) a través de sus creaciones de imágenes que circulan en los cotidianos ciberculturales. Las imágenes movilizan potencias de actuar, conmueven y afectan las maneras de sentipensarvivir el mundo, configurando lo que denominamos imágenes-afecto. El artículo se presenta en secciones, con una metodología de investigación basada en los Estudios de lo Cotidiano (Certeau, 1998; Andrade, Caldas y Alves, 2019), siguiendo los principios del método cartográfico (Passos, Kastrup y Escóssia, 2009). Con este movimiento, forjamos la emergencia de tramas donde ciencia, política y afectos (Spinoza, 2007) se entrelazan con imágenes que no solo registran, sino que también inventan mundos. En este sentido, la práctica de la investigación cartográfica se orienta hacia procesos en devenir. Para ello, cartografamos los perfiles @Nunca vi 1 cientista y @Ninja Foto, de la red social Instagram, con el fin de percibir las relaciones dialógicas existentes. Cartografiar estos flujos discursivos visuales permitió comprender cómo ambos perfiles tensionan temas contemporáneos y, al mismo tiempo, inventan modos de estar-juntos en un mundo común, plural y heterogéneo. Es en ese exceso donde operan las imágenes-afecto, no como mensajes codificados, sino como vibraciones que nos convocan a imaginar otros mundos posibles.

Palabras Clave: Artes de hacer, cotidianos, cibercultura, cartografía, afectos, imágenes

Abstract

This article is part of an ongoing doctoral research project and explores the arts of doing of cultural practitioners (Certeau, 1998) through their creation of images that circulate within cybercultural everyday life. These images mobilize potentials

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil / farias.laf@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-9600-6436>

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil / rose.brisaerc@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0003-0479-1703>

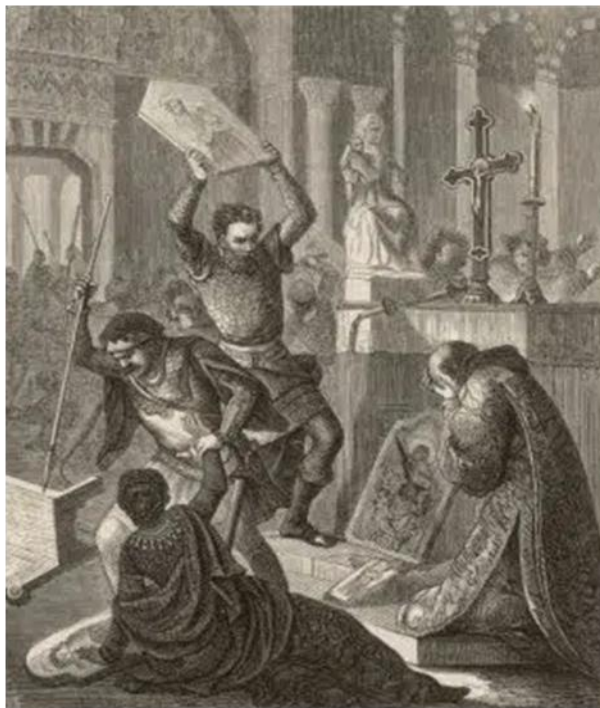
³ Instituto Nacional de Educação de Surdos, Brasil / rjleonardocg@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0003-3617-0506>

for action, moving and affecting the ways we feel-think-live the world, shaping what we refer to as affect-images. The article is organized into sections, using a research methodology based on Studies of Everyday Life (Certeau, 1998; Andrade, Caldas & Alves, 2019; Oliveira, 2023), and following the principles of the cartographic method (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009). Through this approach, we forge the emergence of interwoven threads in which science, politics, and affects (Spinoza, 2007) intertwine with images that not only document but also invent worlds. In this sense, the practice of cartographic research focuses on processes in becoming. To this end, we map the Instagram profiles @Nunca vi 1 cientista and @Ninja Foto in order to observe the existing dialogical relationships. Mapping these visual discursive flows allowed us to understand how both profiles challenge contemporary issues while simultaneously inventing ways of being-together in a common, plural, and heterogeneous world. It is within this excess that affect-images operate—not as encoded messages, but as vibrations that call upon us to imagine other possible worlds.

Keywords: Arts of doing, Everyday life, Cyberculture, Cartography, Affects, Images

Primeiras pistas: como as imagens e os afetos se relacionam

Figura 1. A destruição das imagens pelo Movimento Iconoclasta durante o séc. IX



Fonte: Perilo (2021).

Com a imagem acima (Figura 1), iniciamos este artigo, evidenciando como a fúria da destruição das imagens buscou aniquilar as artes plásticas que, ao longo de séculos, estamparam narrativas dos acontecimentos cotidianos. Em contraste, surgem movimentos de resistência que procuram proteger as pinturas como quem ampara um corpo ferido prestes a tombar. Mas, se as imagens nada dissessem, por que temê-las? Se não provocassem nada, por que destruí-las? O próprio ato de destruí-las já não revela que nos tocam, que nos afetam?

Do estrago, sustentado pela crença de que cobrir ou quebrar imagens seria o mesmo que apagar memórias, emerge também a insistência da existência: sinal de que, mesmo sob forte ataque destrutivo, as imagens continuam a engendrar a invenção de *'conhecimentossignificações'*⁴. Assim, no acontecimento deleuziano, a existência das imagens habita *'espaçostempos'* paradoxais: a imobilidade existe enquanto tudo acontece; uma duração que acolhe o fluxo dos acontecimentos (Deleuze, 2015). É nessa permanência paradoxal que se concentra o interesse dessa pesquisa, pois com ela se manifesta o nosso desejo, como autores, de afetar e mover corpos e pensamentos.

Nos aproximamos de Spinoza (2007), para quem conhecer e viver são dimensões inseparáveis, uma vez que cada modo de saber já é, em si, uma forma de existir. Por isso, as imagens são acontecimentos que nos afetam e nos movimentam, elas não permanecem do lado de fora da vida como meros registros. Uma imagem disparada numa rede social, e que circula entre seus usuários, anuncia maneiras de compor o *'sentirviver'*; não apenas mostram, mas instauram experiências em que se aprende, se ensina e, sobretudo, se inventam cotidianos.

Dessa forma, buscamos apresentar as “artes de fazer” (Certeau, 1998) de praticantes culturais com a criação de imagens que circulam nesses cotidianos ciberculturais. Imagens que mobilizam potências de agir, que movem, que afetam os outros e nossos modos de *'versentirviver'* no mundo, configurando o que denominamos *'imagensafetos'*.

O texto é parte de uma pesquisa de doutoramento em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/Uerj), voltada a investigar como as *'imagensafetos'* mobilizam

⁴ Nós, pesquisadores dos Estudos com os Cotidianos, adotamos o uso dos termos *'conhecimentossignificações'*, entre outros assim grafados, conforme preconiza Alves (2019), pois entendemos que “[...] as dicotomias herdadas das ciências na Modernidade têm significado limites” (p.15) para as nossas pesquisas. Assim, para marcar a superação de conceitos fragmentados e hierarquizados, passamos a grafar desse modo os termos dicotômicos: juntos, em itálico e entre aspas simples, e doravante será como aparecerão nesse artigo.

transformações nos *'praticantespensantes'*, resgatam memórias e afetos, que fazem circular diferentes *'conhecimentossignificações'* no campo de pesquisa, o Centro de Tecnologia educacional (CTE/Uerj). Para este artigo, inspirados pela Pesquisas com os Cotidianos (Certeau, 1998; Andrade, Caldas e Alves, 2019) e pelas pistas do método cartográfico (Passos, Kastrup e Escóssia, 2009), nosso objetivo é investigar como as imagens, em suas circulações ordinárias, constituem micropolíticas nos processos educativos atravessados pela cibercultura.

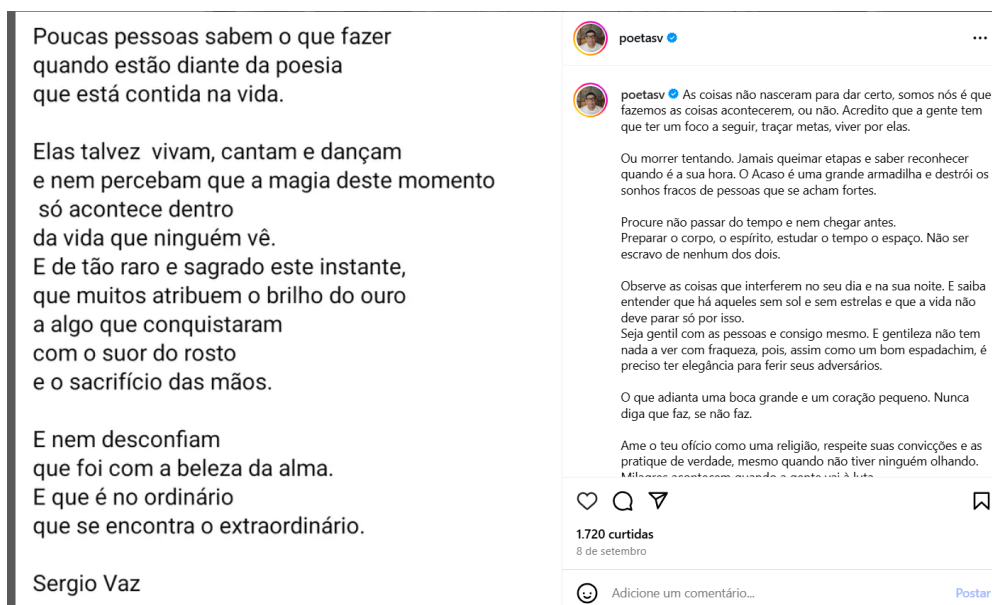
Assim, dividimos este artigo em três seções. Na seção, “Seguindo os caminhos e descaminhos: uma pesquisa com os cotidianos”, traremos nossa metodologia de pesquisa, em um diálogo com nossos intercessores para traçar o conceito das *'imagensafetos'*. Sempre em uma dialogicidade, em uma troca, uma confluência (A. Santos, 2023) porque no fim “todo mundo é um e tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós; tudo, tudo, tudo que nós tem é”, como diz a letra da música Principia de Emicida (2019).

Cartografar sentidos de imagens é uma procura por aquilo que está explícito ou não, mas que está contido nas entrelinhas das criações ciberculturais. Por isso, na seção seguinte, “O visível e o invisível: as *'imagensafetos'* emergem”, nos aprofundamos na relação entre os afetos, as memórias e as imagens, com múltiplas linguagens para anunciar nossas pistas cartografadas para a construção do conceito.

Por fim, na última seção, “Por uma reinvenção de mundos”, deixamos registrado nossos sonhos e desejos para continuidade da pesquisa e das construções iniciadas nessa escrita a três mãos. Com movimentos de resistência em prol da preservação das memórias e afetos forjados coletivamente pelas *'imagensafetos'*, vamos revelar como a pesquisa caminhará futuramente, nos passos desconhecidos do campo de pesquisa, com as imprevisibilidades e incertezas.

Seguindo os caminhos e descaminhos: uma pesquisa com os cotidianos

Figura 2. Uma imagem dos cotidianos ciberculturais



Fonte: Vaz (2025).

Partindo da Figura 1, sabemos que uma imagem se torna um registro de resistência. Em suas camadas e planos temos elementos que contam uma história, registram memórias e se tornam fragmentos de um vivido. Com essa certeza nos questionamos: afinal, o que é uma imagem no contemporâneo digital? Para responder essa pergunta realizamos um print (Figura 2) de uma publicação em uma página do Instagram chamada @poetasv, do poeta e produtor cultural Sérgio Vaz.

A imagem em questão traz elementos bem distintos em comparação a nossa Figura 1. O registro traz uma poesia, com uma legenda extensa que foi criada por Sérgio Vaz, e ainda com um espaço voltado para a interação de outros praticantes culturais, com reações e comentários. O Instagram é uma rede social criada para o compartilhamento de imagens, que permite incluir no processo de compartilhamento músicas, figurinhas, textos e outras fotos, que podem ser compartilhadas no feed do perfil, nos *Stories*, ou nos *reels*. O local em que o praticante cultural escolhe realizar sua publicação traz especificidades únicas. No feed, a imagem permanece como parte da identidade do perfil, como capítulos de uma história que escolhemos contar. Nos stories há uma instantaneidade, pois a publicação permanece visível por apenas 24 horas. E no *reels*, há o incentivo de compartilhamento universal para popularizar para mais pessoas sua publicação pela ampliação da sua divulgação.

Uma imagem no contemporâneo possui agora outros elementos, outras formas de narrar o vivido e apresenta no invisível um desejo de como e qual o objetivo com essa narrativa vai habitar o digital. Sérgio escolhe a poesia como um elemento para contar sua história, com leveza ele nos provoca sobre a poesia, tornando visível a invisibilidade do gênero literário para alguns. Uma imagem contemporânea pode explorar múltiplas linguagens, sons, sentidos e sensações, em suas presenças e ausências, no visível e invisível. É parte de um plano de imanência (Deleuze e Guattari, 2007), com o equilíbrio e desequilíbrio de forças e energias, que traz em seus signos as histórias anunciadas e silenciadas.

A Figura 2, é um convite para entabular nossas conversas, fazemos do próprio ato de conversar com imagens o nosso método. Dessa forma, situamos os territórios de invenção – que são múltiplos, movediços e atravessados por diferentes forças – nas conversas como prática de pesquisa. Conversar, aqui, não é simples troca entre pergunta e resposta, mas ato de abertura ao imprevisto, disposição para inventar sentidos no próprio acontecimento. É deixar-se afetar. Nesse movimento, permitimos ser surpreendidos pelo que emerge e, assim, inscrevemos nossa investigação no campo dos Estudos com os Cotidianos.

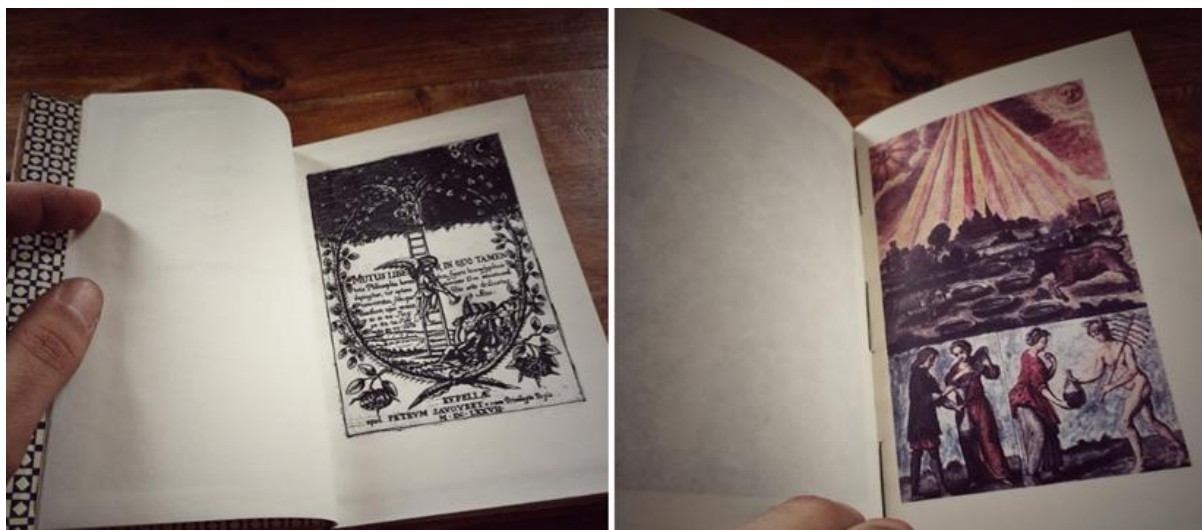
Contudo, mais do que considerar os cotidianos como filiação epistemológica, trata-se de reconhecê-los como matéria viva, ou seja, dimensão indissociável da investigação. Por isso, acompanhamos Süsskind (2012) na compreensão de que são com as conversas que emergem no campo investigativo, que pesquisador e pesquisado se afetam mutuamente, produzindo juntos conhecimentos tecidos pelas experiências forjadas nesses próprios '*espaçotempos*'. Com as conversas emergimos do ordinário o extraordinário como nos inspira Sérgio Vaz (Figura 2).

Enquanto assumimos as conversas como prática de pesquisa, a Cartografia se torna nosso procedimento metodológico (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009). Com esse movimento, forjamos a emersão de tramas em que ciência, política e afetos se entrelaçam com imagens que não apenas registram, mas inventam mundos. Nesse sentido, a prática de pesquisa com a cartografia volta-se aos processos em devir. Assim sendo, de um lado, nos aproximamos daquilo que se manifestava nas práticas ordinárias, na circulação de imagens que atravessavam os cotidianos sem pedir licença de outro, nos permitimos compreender como tais imagens produzem sentidos capazes de movimentar modos desviantes de '*versentirviver*' as narrativas; criar '*imagensafetos*'. Essa perspectiva se potencializa quando pensamos as conversas na cibercultura e os usos de sons, vídeos, memes, stories, dentre outros, que já são, por si, nossas conversas cotidianas.

Com isso, mergulhamos com todos os sentidos (Andrade; Caldas; Alves, 2019) em páginas na Internet de acesso público e irrestrito, e usamos a ambiência da rede social Instagram, cuja popularidade cresceu de forma vertiginosa nos últimos anos. De acordo com Sampaio (2024), somente no último trimestre do ano de 2023, foram 13 milhões de novos usuários mensais ocupando o Instagram, totalizando 1,47 bilhão de pessoas habitando essa interface digital. As publicações no Instagram reúnem temas variados que atravessam as relações sociotécnicas e expõem quem somos, quem desejamos ser e o que escolhemos contar. Um único perfil, com uma simples postagem, pode materializar uma imagem compartilhada entre milhares de usuários, alimentar os algoritmos que produzem dados e, ao mesmo tempo, narrar histórias que ditam ou interditam afetos.

Para compreender os usos das imagens, selecionamos dois perfis específicos: @nuncavi1cientista e @ninja.foto. Diferentes e complementares, ambos os perfis se tornaram intercessores (Deleuze; Guattari, 1992) com que conversaremos e pensamos acerca das '*imagensafetos*' nos cotidianos da cibercultura. Portanto, ao conversar com as publicações de @nuncavi1cientista e @ninja.foto, o que nos interessa não é apenas o conteúdo em si, mas o processo de circulação de '*conhecimentossignificações*' em que se enredam narrativas dos cotidianos. Cartografar esses fluxos discursivos visuais permitiu perceber como os dois perfis tensionam temas contemporâneos e, ao mesmo tempo, inventam modos de estar-junto em um mundo comum, plural e heterogêneo.

Figura 3. Livro Mutus Liber



Fonte: *Libriproibiti* (s.d.)

O *Mutus Liber* (Figura 3), publicado no ano de 1677, é uma espécie de compêndio das práticas de alquimia. Ao longo de suas páginas, em vez de extensas descrições, encontramos apenas ilustrações de fontes que jorram, aves que cruzam o céu, estrelas que cintilam, personagens enigmáticos e objetos misteriosos. Tudo é imagem! Diferente dos tratados de sua época, essa obra aposta na leitura provocada pela experiência visual com as imagens. Chamado de Livro mudo, a voz do livro emerge da sinestesia provocada com o silêncio das imagens (Palamidesi, 1995).

Com Beiguelman (2021), compreendemos que a imagem se ressignifica no contemporâneo, pois uma imagem se articula com narrativas (visíveis ou não), com discursos intrínsecos e histórias silenciadas, ocultas ou ditas nas entrelinhas. Assim como o *Mutus Liber*, uma imagem no contemporâneo emerge e provocar o sentir, mas agora em uma interatividade, com uma conversa contínua, constante e que não se finda. Uma imagem pode gerar outras, que podem articular-se com outros elementos, com outras linguagens e se tornam expressões que carregam em si lembranças, fragmentos de histórias, com sons, sentidos e saberes de um virtual (Levy, 1999) forjados nos cotidianos ciber culturais e compartilhado pelas interfaces do digital.

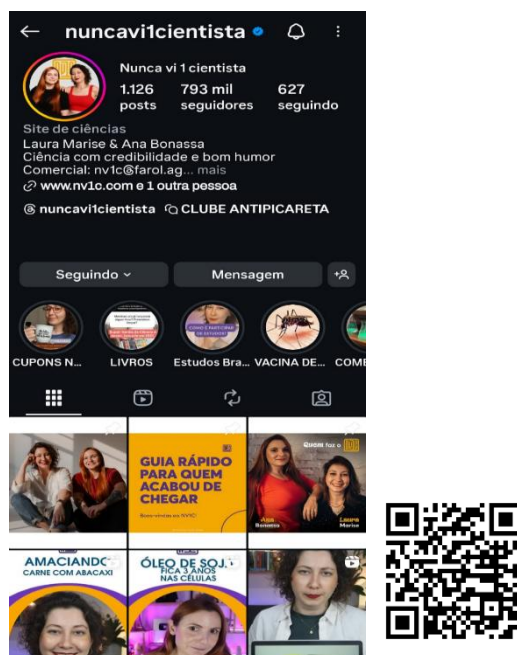
Percebemos assim a necessidade de uma pesquisa sobre as imagens criadas na cibercultura, que ficções elas anunciam e o que nos ensinam. Afirmamos isso pois pensamos como Bentes (2018) que há uma busca por formação nos espaços das redes sociais quando o conhecimento não é obtido pela educação formal, aquele derivado das escolas, universidades e instituições de ensino. E que nesses casos os perfis em redes sociais se tornam “formadores” e “fazedores de cultura” (p.159), tanto a figura de um praticante em um perfil único como aqueles perfis que representam mais de uma pessoa, que nesses casos se tornam uma rede.

Em nosso artigo, buscamos cartografar alguns perfis que materializam em seus compartilhamentos esse desejo, com suas ‘imagensafetos’, de relacionar a circularidade dos ‘conhecimentossignificações’ com seus afetos e ainda com as imagens no/do contemporâneo. Elas são a materialização de uma intencionalidade coletiva de uma ciência que não se dissocia dos cotidianos, presente em conversas, em diálogos inventivos sobre um mundo.

Podemos pensar o acesso ao Instagram como sentar-se em uma mesa de bar sempre lotada. Diante dessas circunstâncias, as narrativas se cruzam, histórias se sobrepõem e piadas correm soltas. Uns chegam de passagem, deixam uma breve opinião e logo se vão; outros retornam diariamente, ocupando seu lugar cativo e puxando conversas (Filé, 2006). Cada postagem é como um copo repousado na mesa. Logo tudo se esvazia, são esquecidos; outros permanecem e voltam a ser lembrados no dia seguinte. Com esse movimento, por vezes caótico, mas sempre fértil, ciência, arte, política, em suma, os cotidianos se entrelaçam efemeramente e insistentes.

Enquanto isso, no entrelugar do humor e seriedade se inscreve o perfil @nuncavi1cientista (Figura 4), criado por Laura Marise (farmacêutica) e Ana Bonassa (bióloga), que definem sua proposta como levar ciência com credibilidade e bom humor. Com quase 800 mil usuários no momento da escrita dessa pesquisa, a página na *web* movimenta uma quantidade expressiva de praticantes. Os memes, *reels* irônicos, dentre outras expressões, produzem ciência *'dentrofora'* da universidade. O perfil inventa modos de tensionar narrativas, denunciar desinformações e disputas políticas e, nesse sentido, o humor funciona como modo de resistência.

Figura 4. Print do perfil do Instagram Nunca vi 1 cientista



Fonte: Marise e Bonassa (2025)

Em decorrência das criações publicadas no perfil, contraditoriamente a página foi processada judicialmente após denunciar a desinformação que associava a diabetes à presença de vermes (Figura 5). A decisão, porém, foi revertida pelo Supremo Tribunal Federal, evidenciando que a circulação de imagens mobiliza instituições jurídicas, convoca a opinião pública, altera trajetórias pessoais de vida e provoca tensionamento social. É nesse ponto que há chances de percebermos os movimentos invisíveis (Certeau, 1998) criados com os usos das imagens na cibercultura.

Figura 5. Cientistas são condenadas por desmentirem postagem



Fonte: CNN Novo Dia (2025).

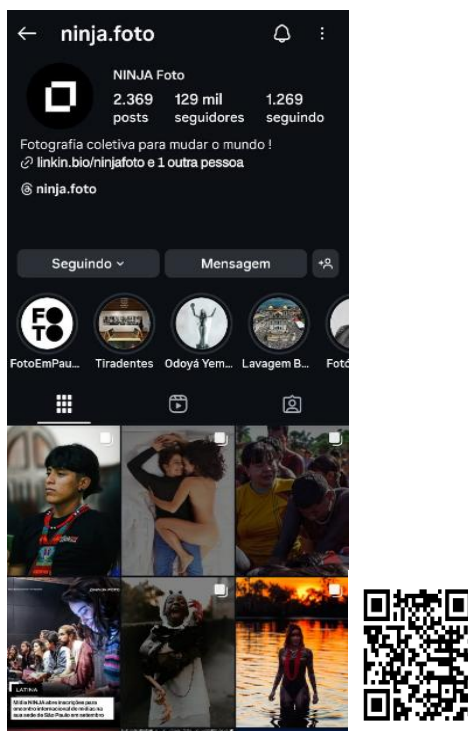
Ao disparar matérias sobre os temas da política, das ciências, dentre outros, em conversa aberta na rede, as proprietárias do perfil performam um movimento necessário às pesquisas com os cotidianos, segundo o qual chamamos de A circulação de *'conhecimentossignificações'* como necessidade (Andrade, Caldas e Alves, 2019). Esse movimento nos leva a articular questões relacionadas ao *'fazerpensar'* nas pesquisas com os cotidianos.

Assim, o perfil @Nunca vi 1 cientista, de um lado, populariza temas técnicos-científicos; de outro, constitui-se como *'espaçostempos'* de resistência às crises epistêmicas contemporâneas, ao expor e denunciar a desinformação. Contudo, é preciso reconhecer que tais práticas não se dão em campo neutro. A cibercultura é atravessada por processos de plataformização e dataficação (Lemos, 2021), alimentada por um capitalismo de dados e por um governo tecnopolítico (Silveira, 2017), em que algoritmos modulam a visibilidade do que circula e definem quase exclusivamente as regras do jogo. Além disso, como apontam Faustino e Lippold (2023), vivemos sob a marca de um colonialismo digital, em que práticas globais de vigilância e exploração atravessam o uso cotidiano das redes.

Mas como vimos, é justamente do território tensionado que emerge a possibilidade de subversão. O humor e a crítica circulam como imagens e se projetam para furar as lógicas hegemônicas, movimentar narrativas impostas e inventar outros modos de existir com o digital em rede. No caso do @Nunca vi 1 cientista, cada imagem não apenas informa, mas instaura uma ambiência formativa (R. Santos, 2015) em que rir, aprender, ensinar, denunciar e anunciar se entrelaçam como práticas ordinárias dos cotidianos.

Se o perfil @Nunca vi 1 cientista usa imagens como linguagem do humor para inventar narrativas de ciência e desinformação, o perfil @ninja.foto (Figura 6) se inspira na potência da imagem fotográfica como movimento de denúncia e visibilidade. Em suas postagens, as cenas dos cotidianos, as desigualdades sociais, os fragmentos da vida comum que, ao serem capturados e expostos, ganham densidade política. Cada imagem se converte em um chamado ao olhar, como se dissesse: “veja o que estava diante de você e ainda assim permanecia invisível”.

Figura 6. Print do perfil Ninja Foto no Instagram



Fonte: Ninja foto (2025).

Ao investigar o perfil @ninja.foto, cartografamos como as imagens são usadas na prática política e pedagógica. Notamos que não há neutralidade no ato de enquadrar a imagem: cada escolha de ângulo, de cena ou de momento produz *'conhecimentossignificações'* que formam e informam. Assim como no caso do @Nunca vi 1 cientista, também aqui vemos um movimento rizoma (Deleuze e Guattari, 2007), em que cada imagem se conecta com vozes, outras narrativas, alargando a rede viva de *'aprendizagensensinos'*.

Ao cartografarmos o perfil @ninja.foto percebemos como as imagens operam como dispositivos políticos e pedagógicos, instaurando modos de ver e de saber que atravessam os cotidianos. Ao observarmos as escolhas estéticas, as narrativas — o enquadramento, o tempo da captura, os corpos e espaços visibilizados — percebemos que as imagens não apenas representam, mas constituem realidades. Tal como no perfil @Nunca vi 1 cientista, onde as imagens também se desdobram em rizomas, conectando-se a múltiplas vozes, afetos e histórias. Nesse emaranhado, a rede social não é mero suporte, mas potência de criação de mundos, convocando o olhar a participar de uma pedagogia do sensível, onde o saber se dá na vibração entre o que se vê e o que se sente.

Figura 7. Publicação em colaboração dos perfis @oronaldcruz, @ayoluwaomi, @ayanaamorin_ e @ninja.foto, disponível no feed do perfil Ninja foto



Fonte: Cruz (2025).

Inspirados em A. Santos (2023), notamos que o perfil @ninja.foto compartilha afetos ao se relacionar com outras contas e com seus praticantes. Nesse processo, o perfil recebe uma recíproca: “o afeto vai e vem” e, por fim, “o compartilhamento é uma coisa que rende” (p. 36). Quando outros usuários comentam, compartilham e interagem com essas postagens, percebemos de que modo o perfil se torna coletivo; rizoma, expandindo-se em linhas imprevistas e multiplicando conexões.

Esse movimento em que o afeto não se encerra em quem o emite, mas retorna ampliado, forja os *territórios de invenção*. Assim, quando o perfil @ninja.foto compartilha e recebe de volta, não está apenas somando interações, mas compondo um circuito em que cada comentário ou repostagem funciona como um novo desvio, uma dobra que reconfigura os sentidos possíveis. O perfil se torna, assim, expressão que escapa à planificação, que se alia em pequenas insurgências que movimentam o comum.

Sobretudo, lembramos que, em Spinoza (2007), o afeto não representa, mas ele expressa. O afeto é intensidade, variação de potência que se conecta a outros corpos e signos em um campo múltiplo, descentralizado, sem hierarquia. Nesse sentido, as imagens, tal como mobilizadas pelo perfil @ninja.foto, são manifestações de existência e, sobretudo, garantia do direito de permanência dos praticantes das redes sociais. As *‘imagensafetos’* não respondem a uma circularidade previsível nem tampouco a uma intencionalidade explícita.

Pensar o afeto como intensidade é também recusar a ideia de que a potência das imagens poderia ser medida por números de curtidas. Nas cartografias que realizamos, o que emerge é a vibração dos *‘espaçostempos’* do agora: uma fotografia que, ao mesmo tempo em que expõe uma luta, arrasta consigo memórias e projeta futuros. É por isso que os usos das imagens em perfis como o @ninja.foto não cabem em categorias fechadas, pois são antes exercícios de resistência, variações que se inscrevem em uma política do sensível, tecendo linhas de fuga que reconfiguram tanto quem publica quanto quem se deixa atravessar pelo que vê.

Deixamo-nos, nesse sentido, levar pelas conversas como quem inventa uma experiência estética a partir de cada movimento das imagens; a tarefa não é capturar um significado último, mas entrever as frestas por onde o outro se narra, percebendo que no dito sempre pulsa o não dito. É com essa escuta sensível ao inacabado que se abre caminho para as invenções, para narrativas que resistem justamente porque não se deixam fixar. Ao acompanhar essas frestas, percebemos que o silêncio não é ausência, mas excesso. É nesse excesso que as *‘imagensafetos’* operam, mas não como mensagens codificadas, e sim como vibrações que nos convocam a imaginar outros mundos possíveis. Esse modo de escuta, próximo das conversas que se tecem nos cotidianos, desloca a análise de um campo de decifração

para um campo de invenção. O que importa não é descobrir o significado certo da imagem, mas transitar junto com ela, deixar-se afetar e, nesse processo, aprender com o que escapa, com o que se insinua no silêncio entre uma publicação e outra.

Por uma reinvenção de mundos

Figura 8. Publicação em colaboração com os perfis @poderespretos e @ninja.foto, disponível no feed do perfil Ninja Foto



Fonte: Olhar da Medusa (2025).

As *'imagensafetos'* nos provocam a imaginar mundos possíveis. Na relação entre as imagens, seus signos, seus sentidos e suas expressões sobre o vivido elas pulsam afetos que tomam caminhos e descaminhos, mas que principalmente nos fazem pensar e repensar o mundo. Com A. Santos (2023) desejamos um mundo de confluências, ampliando esses afetos, e ainda de transfluências, por um mundo de sonhos de janelas de "nóis" em todos os *'espaçostempos'*.

Nesse artigo, alcançamos nosso objetivo de investigar como as imagens, em suas circulações ordinárias, constituem micropolíticas nos processos educativos atravessados pela cibercultura. Com os Estudos dos Cotidianos e a Cartografia como método mapeamos perfis na rede social Instagram, que criam *'imagensafetos'* em uma dialogicidade entre política, ciências, cotidianos e afetos. Escolhemos dialogar com a arte, pois ela se torna uma manifestação de resistência, mantendo o diálogo aberto entre o passado, o presente e o futuro desejado. Criamos com as imagens ambiências possíveis, com a circularidade dos *'conhecimentossignificações'*, em uma conversa aberta com discursos, memórias e histórias, em seus dispositivos formativos. No entanto, mesmo com tantas potências precisamos considerar que a sua leitura é subjetiva, é sempre um conceito aberto.

Para nós aqui, nessa escrita coletiva, a *'imagemafeto'* é o agenciamento de afetos, que nos faz entrever as experiências, desconstruir, desterritorializar, reconstruir e reinventar novas formas de *'versentir'* o mundo. Mas para cada um que compõe esse rizoma que se expande será uma mixagem, uma atualização, uma coautoria desses desejos.

Assim, reafirmamos que essas imagens não apenas circulam, mas vibram nos cotidianos ciberculturais como forças micropolíticas que educam, provocam e transformam. Ao cartografar essas expressões visuais, compreendemos que cada imagem é um gesto de resistência e invenção, capaz de instaurar ambiências formativas e afetivas que desafiam os modos hegemônicos de conhecer e ensinar.

Referencias bibliográficas

- Alves, N. (2019). *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: Memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas de hoje*. Cortez.
- Andrade, N., Caldas, A. N., & Alves, N. (2019). Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas “conversas” acerca deles. In I. B. de Oliveira, L. F. Peixoto, & M. L. Sússekind (Orgs.), *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: Questões metodológicas, políticas e epistemológicas* (pp. 19–46). Editora CRV.
- Beiguelman, G. (2021). *Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera*. Ubu Editora.
- Bentes, I. (2018). Economia narrativa: Do midiativismo aos influenciadores digitais. In A. A. Braighi, C. Lessa, & M. T. Câmara (Orgs.), *Interfaces do midiativismo: Do conceito à prática* (pp. 151–169). CEFET-MG.
- Certeau, M. de. (1998). *A invenção do cotidiano*. Vozes.
- CNN Novo Dia. (2025). *Cientistas são condenadas por desmentirem postagem de diabetes* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/ir4b292dXxA?si=Gep2PDk-Ge0Slpog>
- Cruz, R. [@oronaldcruz]. (2025, agosto 18). *Eu entro em transe quando estou fotografando Ayoluwa, minha sobrinha, filha da minha irmã Ayana Omi. @ayanaamorim_* [Fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/DNhC-3rMAYO/>
- Deleuze, G. (2015). *Lógica do sentido* (L. R. S. Fortes, Trad., 5.ª ed.). Perspectiva.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *O que é a filosofia?* Editora 34.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2007). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2*. Assírio & Alvim.
- Emicida. (2019). Principia [Canção]. Em *AmarElo*. Laboratório Fantasma. <https://open.spotify.com/track/OnXWjXkUsOSnVJERzUbKyl>
- Faustino, D., & Lippold, W. (2023). *Colonialismo digital: Por uma crítica hacker-fanoniana*. Boitempo.
- Lemos, A. (2021). *A tecnologia é um vírus: Pandemia e cultura digital*. Sulina.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura* (1.ª ed.). Editora 34.
- Libriproibiti. (s.f.). *Mutus Liber – di Altus – contiene le tre versioni: La Rochelle (1677), Manget (1702) e Washington*. <https://shop.libriproibiti.com/it/scienze-occulte/mutus-liber-di-altus-contiene-le-tre-versioni-la-rochelle-1677-manget-1702-e-washington>
- Marise, L., & Bonassa, A. [@nuncavi1cientista]. (s.f.). *Perfil no Instagram Nunca vi 1 cientista* [Feed do Instagram]. Instagram. <https://www.instagram.com/nuncavi1cientista/>
- Ninja Foto [@ninja.foto]. (2025). *Perfil no Instagram Ninja Foto* [Feed do Instagram]. Instagram. <https://www.instagram.com/ninja.foto>
- Olhar da Medusa [@olhardamedus4]. (2023). *Essas fotos deram nome ao projeto “Eles tem medo de nós”, escritas em uma pilastra do antigo CSU do Pina* [Fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CzM1IS50JtS/>
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. da (Orgs.). (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.

Perilo, B. (2020). Iconoclastia: História, institucionalização e fim do movimento. *Conhecimento Científico*. <https://conhecimentocientifico.r7.com/iconoclastia/>

Sampaio, H. (2024). Instagram ultrapassa TikTok e se torna o aplicativo mais baixado no mundo. *CNN Brasil*. <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/instagram-ultrapassa-tiktok-e-se-torna-o-aplicativo-mais-baixado-do-mundo-2/>

Santos, A. B. dos. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora/PISEAGRAMA.

Santos, R. (2015). *Formação de formadores e educação superior na cibercultura: Itinerâncias de grupos de pesquisa no Facebook* [Tese de doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Repositório Institucional UERJ. http://152.92.4.120:8080/bitstream/1/10398/1/Tese_Rosemary%20dos%20Santos.pdf

Silveira, S. A. (2017). Governo dos algoritmos. *Revista de Políticas Públicas*, 21(1), 267–281. <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v21n1p267-281>

Spinoza, B. de. (2007). *Ética*. Autêntica.

Süssekind, M. L. (2012). O ineditismo dos estudos nos/dos cotidianos: Currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública no Rio de Janeiro, Brasil. *Revista e-Curriculum*, 8(2). <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/10987>

Vaz, S. [@poetasv]. (2025). *Perfil no Instagram Sergio Vaz* [Feed do Instagram]. Instagram. <https://www.instagram.com/poetasv/>

Fecha de recepción: 30-9-2025

Fecha de aceptación: 15-12-2025